

LADRI

Maria José Vicentini Jorente

Como citar: JORENTE, M. J. V. LADRI. *In:* JORENTE, M. J. V. (org.) **Acervo revisitado:** intersecções e convergências no redesign de uma coleção díspare. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 46-65. DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-140-9.p46-65>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).





LADRI

Maria José Vicentini Jorente

Nasci há mais de meio século, criança curiosa e inquieta, das que as pessoas chamavam levadas; das que, atualmente, são medicadas. Afortunadamente, os tempos eram outros. Fui boa aluna, embora não prestasse atenção à nada que não me interessasse. Só fingimento: o suficiente para me safar das obrigações do momento. Minha cabeça sempre inventando inadequações.

Meu pai me incentivou a sonhar com descobertas fantásticas, com desmontes e recriações, com a reorganização do que eu julgava insuficiente, pouco funcional, pouco eficiente e pouco estético. Meu pai me incentivou ao redesenho do meu mundo, para que eu atuasse nas mudanças que desejava, em um tempo que as moças deviam aquietar-se em suas insatisfações. Pus-me na estrada, errei pelo mundo, ampla e irrestritamente. Não fui arquiteta como sonhou meu pai; fui designer de produto, porque arquitetura é edificação e eu não queria edificar nada. Fui linguista, por meu interesse nas traduções intersemióticas, que sonhava compreender.

Pensava, por outro lado, que um ser humano lúcido deveria mudar de profissão a cada dois anos, pelo menos; mesmo que em áreas correlatas, para não sucumbir à mesmice. Trabalhei com arte, com curadoria de exposições, com cenografia, com design, com design de moda, da informação, de interação. Em comum, como pano de fundo, estava a mudança, a itinerância, o novo inédito; mas também o estudo da memória, da leitura do mundo, da psicanálise, da história, da cultura, da sociedade, o novo originário.

O fato é que a força da vida, que tem ideias diferentes de nossos planos pessoais, me trouxe para a Universidade Estadual Paulista (Unesp), para a Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Criei aí o Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (Ladri). A ideia era reunir condições para pensar a informação e a comunicação pelas conformações multimediadas pelo Design da Informação (DI), o que na contemporaneidade passa pelos meios eletrônicos; mas também passa por realizar uma ciência do Século 21.

Queria que o Ladri fosse um lugar que reunisse pessoas a trabalhar para pessoas; com competências aprendidas por meio da ciência para pensar mudanças manifestas em meio ao caos da cultura contemporânea; e criar mapas, trabalhar a encontrabilidade da informação, dar acesso àqueles que as oportunidades faltaram.

Demorei para acertar a mão, porque reunir pessoas para pensar e criar é algo complexo, fascinante, porém trabalhoso. Uma equipe multidisciplinar que se auto-organiza conforme as necessidades; que poderá prescindir de mim a qualquer momento, independente, dinâmica, autossuficiente, sustentável.

Finalmente, penso que chegamos a um ponto de afinação; uma condição, como tudo, impermanente; mas capaz de materializar o que, de maneira sucinta, se apresenta aqui em um recorte no formato papel. É a reorganização de um acervo de objetos e memórias da FFC da Unesp, e a documentação de coleções representadas por

uma heterogeneidade somente possível em acervos ditos históricos, frutos de acumulações aleatórias, de doações motivadas por razões incontáveis, cujo valor é uma variável que obedece a ordens distintas.

Estou orgulhosa, cheia de admiração pela equipe multidisciplinar envolvida na empreitada, unida pela Ciência da Informação, moldura das intrincadas facetas constituintes das coleções com que temos trabalhado. Experiência que somente a Universidade Pública pode oferecer em um país como o Brasil: um espaço de vivências únicas e de necessária preservação por uma sociedade que se pretenda justa e democrática.

Desejo a todos que essa experiência de interação com o que aqui se apresenta seja prazerosa, que gere reflexões, conversações, trocas de conhecimentos e, especialmente, de compreensão da importância do compartilhamento e da colaboração.



Laís Alpi Landim

Meu nome é Laís e sou doutoranda em Ciência da Informação (CI) na Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Campus de Marília. Minha trajetória teve início em Itapevi, uma cidade dormitório no extremo Oeste da Grande São Paulo – região em que várias cidadezinhas colaram-se umas nas outras ao redor da Terra da Garoa, onde nossos pais, mães, tios e tias trabalhavam e de onde voltavam exaustos. Nessa terra da garoa iniciei os estudos do Ensino Médio e o Técnico em Informática.

No curso, em uma disciplina chamada Lógica da Computação, nas aulas e nas primeiras indicações de leitura do professor Chicão - sobre as falácias e os sofismas, além dos livros *O Mundo Assombrado Pelos Demônios* e *Como a Mente Funciona* – encontrei terreno fértil para a curiosidade e encantamento pelas ciências que trazia desde a infância. Nas aulas da professora Jussara, de literatura, descobri livros que seriam os meus favoritos por toda a vida – *Ensaio Sobre a Cegueira* e *As Meninas*, sobre os quais tivemos que fazer um trabalho, a partir de pesquisa que resultou nas nossas primeiras visitas à biblioteca da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e da Universidade de São Paulo (USP). Com minha amiga Aline frequentava, no Espaço Cultural Athos Pagano, os cafés filosóficos, de onde voltávamos extasiadas trocando ideais mirabolantes no trem de volta para casa.

Ao terminar o técnico, aos 17 anos, fui buscar emprego em escolas de informática. No entanto, fui convidada para o processo seletivo para uma vaga de professora de inglês, pelo qual, surpreendentemente, passei com sucesso e comecei a dar aulas. Com essa experiência consolidei meu apreço pela docência, e a descoberta de uma potencial vocação. Ao iniciar os estudos no *Cursinho da Poli*, minha ideia era cursar Astronomia – tinha visto uma entrevista encantadora com o Marcelo Gleiser, e já era apaixonada pelas teorias de origem do universo e relatividade do tempo. Não obstante, optei pela grade voltada a cursos de humanas – e acabei prestando Ciências Sociais.

Aos 19 anos, parti rumo a Marília, onde iniciei mais uma fase dessa jornada na Unesp. Durante o curso, meu foco acabou fixando-se mais na alimentação do meu repertório de artes e cinema, nas relações humanas e na atuação teatral. Nesse arranjo, não restou espaço para a carreira acadêmica e, como precisava trabalhar, comecei a dar aulas

na rede pública de ensino. Sofri as amarguras de trabalhar num espaço inóspito a professores, estudantes e funcionários, mas aprendi muito e entendi que meu lugar era na docência.

Decidi, então, retornar à Universidade para cursar o mestrado. Como eu pretendia pesquisar bibliotecas escolares, uma amiga da CI contou-me que meu projeto “caberia” na área. Foi aí que conheci e me apaixonei pela CI. Não passei na primeira tentativa; então, tomei a decisão de iniciar uma graduação na área para me familiarizar com os conceitos. Foi quando conheci a Profa. Maria José V. Jorente, encantei-me pelas suas aulas caóticas e brainstórmicas e aceitei o convite para frequentar o Ladri. Nele, tive a oportunidade



de trabalhar com a descrição da hemeroteca do William Nava no AtoM, quando aprendi muito sobre os sistemas de organização de arquivos, além da utilização do sistema para a descrição do acervo museológico da universidade. Ao mesmo tempo, iniciei pesquisa com a Profa., primeiro em torno da museologia social voltada a questões de gênero em ambientes digitais. Depois, sobre a Curadoria Digital (CD) de ambientes digitais colaborativos e, por fim, o Design da Informação (DI) em ambientes e-saúde – assunto que pesquisei durante o mestrado.

De 2018 a 2019, atuei como coordenadora discente do laboratório em uma configuração colaborativa na qual realizamos nossas pesquisas e, ao mesmo tempo, trabalhamos coletivamente: experiência que revelou-se como uma das mais enriquecedoras que poderia vivenciar. Tive a oportunidade de auxiliar discentes em suas pesquisas; exercitar a coordenação de projetos e coletivos; e, por fim, fazer parte do maravilhoso projeto que culmina neste livro. O sentimento que transborda na escrita deste texto é o de gratidão – à equipe Ladri, à Profa, à Universidade Pública, enfim, aos encontros que potencializam tudo isso.

Lucinéia da Silva Batista

Nasci em Vera Cruz, interior de São Paulo. Sou parda, bacharela em Arquivologia e Biblioteconomia, Mestre em Ciência da Informação (CI) pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e durante toda minha formação no meu percurso na Universidade, participei do Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (Ladri).

Sou filha dos lavradores José Batista (em memória) e Benedita da Silva Batista, que com muito esforço, dedicação e humildade criaram eu e meus 14 irmãos: Maria de Fátima, Arlete, Eva, Lindalva, Raquel, Jonas, Edinalva, Silvia, Marcelo, José, Andreia, Jaqueline, Luciana, Lucimara.

Cresci em um sítio na região de Garça e, por volta de três anos após a morte do meu pai, mudamos para Vera Cruz. Minha mãe trabalhou como empregada doméstica enquanto eu e mais duas irmãs estudávamos. Foi difícil a fase de adaptação, o distanciamento da minha mãe. Quando pequena e trabalhava na roça com ela - e tinha sua presença - as coisas eram mais fáceis, pois, com terra para plantar a vida era de abundância. Porém, ao mudarmos para a cidade, tínhamos somente o básico. Foi muito difícil, quando passamos a ter que comprar tudo. Nossa situação econômica, a luta diária da minha mãe para não faltar o alimento e o nosso sofrimento para conseguir as coisas me levaram a buscar uma vida melhor por meio dos estudos; para que um dia oferecesse algo melhor para minha mãe - pois eu me comprometi a cuidar dela, quando meu pai morreu.

Em 2008, prestei o Cursinho Alternativo de Unesp de Marília (CAUM) e passei nessa universidade pública em 2009, na qual optei por fazer o curso de Arquivologia, um curso novo naquele momento. Em quatro anos me tornei Bacharela em Arquivologia. Ao terminar, ingressei no curso de Biblioteconomia, a fim de descobrir a diferença entre essas duas subáreas da CI. Desde 2011 trabalho sob a coordenação da Professora Maria José Vicentini Jorente, com bolsa do Ladri, onde aprendi estruturar pesquisas e elaboração de projetos. Em 2013, iniciamos o Projeto de descrição e digitalização do acervo do Paleontólogo Willian Roberto Nava e do Museu de Paleontologia de Marília. Esse trabalho despertou meu amor pela descrição e pelos diferentes olhares para as áreas e as perspectivas da representação da informação na CI.

Fui integrante, colaboradora e, posteriormente, voluntária

do grupo Ladri, quando tive a oportunidade de participar de outros projetos, tais como a organização, identificação e higienização do acervo do museu Histórico e Pedagógico de Marília, a organização e descrição do acervo do Museu Histórico da Unesp. No Ladri trabalhei com os softwares Acess to Memory (AtoM) e o Archivematica, ministrei oficinas de descrição, de representação e de preservação digital de acervo museológico nesses ambientes. Também experimentei pelo período de um ano a coordenação discente do laboratório. Fui bolsista CAPES no programa de pós-graduação da Unesp; no ano de 2018, me tornei mestre em CI e, em 2019, Bacharela em Biblioteconomia.



Nos últimos 10 anos, portanto, minhas pesquisas voltaram-se para a representação e o acesso à informação: na Arquivologia, “Um estudo sobre o Twitter em Arquivos Permanentes”; no Mestrado em CI, “O redesign do sistema Acess to Memory (AtoM) para a curadoria digital de acervos museológicos heterogêneos”; e na Biblioteconomia, “Modelos conceituais de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia no desenvolvimento de normas e padrões para a representação da informação no ambiente digital”.

Minha experiência na área da CI versa nas intersecções entre a Biblioteconomia a Arquivologia e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no contexto da Web 2.0 e nela, o Design da Informação (DI) para os Ambientes Digitais, e a Representação da Informação, com ênfase no Acesso à Informação e na Curadoria Digital.

Nandia Letícia Freitas Rodrigues

Eu, Nandia, sou uma mulher negra, nordestina, nascida no pequeno povoado de Mandiroba, um distrito do município de Sebastião Laranjeiras, situado no interior do sudoeste da Bahia. Sou bacharela em Biblioteconomia, graduanda em Arquivologia, Mestre em Ciência da Informação no programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (Unesp) campus de Marília, e membro/colaboradora do Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (Ladri).

Sou filha de um casal de lavradores igualmente nordestinos, do senhor Fernando Rodrigues Freitas e de dona Sildete de Freitas, que com muito esforço, luta e humildade me criaram e aos meus 4 irmãos; Andreiza, Romário, Fernando e Fernanda.

Deixei a Bahia e vim para a cidade de São Paulo assim que terminei o Ensino Médio, em meados do ano de 2011. Vim para as terras paulistanas em busca de trabalho e melhores condições de vida para mim e para a minha família, ao levar em conta, principalmente, que a oferta de trabalho na minha cidade natal é muito escassa. Em São Paulo, trabalhava a tarde e a noite e no período da manhã, estudava em um cursinho pré-vestibular no qual havia conseguido ingressar com uma bolsa de 100%.

Em 2012, prestei o Enem almejando vaga na UFSCar e o vestibular da Unesp. Como passei na Unesp, ainda na primeira chamada, ali me matriculei, na minha primeira opção, o curso de Biblioteconomia.

A escolha do curso se deu por uma série de motivos: o mais relevante, é que sempre fui apaixonada por bibliotecas. Lembro-me que, quando criança sempre que saía da aula ia direto para a biblioteca da minha escola; era o meu lugar preferido no mundo! Perdia a noção do tempo em meio aos livros - motivo que sempre gerava muitas broncas em casa quando chegava atrasada para o almoço. A Biblioteca era muito precária, composta somente por três pequenas estantes de aço e um punhado de livros (poucos, bem poucos mesmo!) organizados em uma salinha muito simples e que ficava numa casa próxima à escola. Lá, eu passava horas e horas debulhando os gibis e os livros: O Pequeno Príncipe, O Ganso de Ouro dos Irmãos Grimm, Menina Bonita do Laço de Fita, Tampinha e tantos outros. Devo ter lido todos os livros daquele espaço; e eu sempre queria mais.

O tempo passou, e quando chegou o momento de fazer o teste vocacional, no período de pré-vestibular, me foi apresentado o curso de Biblioteconomia. Até então eu sequer sabia da existência do curso. Na hora me perguntei: “Biblioquê? “Como assim? tem um curso para ser bibliotecária?”. E pronto! Ali já estava definida qual seria a minha graduação! Eu seria Bibliotecária!

Ao finalizar o curso de Biblioteconomia prestei o de Arquivologia. Fui Bolsista da Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) durante as duas graduações. Em Biblioteconomia, meu projeto se intitulava “Comunicação museológica: uma análise nos websites de Museus Afro Brasileiros”; e na Arquivologia, “O Design da Informação e a Web 2.0 no resgate e compartilhamento da história e cultura afro-brasileira.

No Ladri, participei de vários projetos, tais como o de descrição e digitalização do acervo do Paleontólogo William Roberto Nava e do Museu de Paleontologia de Marília; o de organização, identificação e higienização do acervo do museu Histórico e Pedagógico de Marília. Atuei na descrição, revisão e organização do acervo da FFC/Unesp.

Em 2019, fui aprovada para a realização do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) no qual fui bolsista CAPES.

Atuo, assim, na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia; pesquisa, principalmente, temas relacionados a Web 2.0 e ao Design da Informação nos ambientes digitais de informação, Linguagem Visual, Curadoria Digital e Cultura Afro e de Informação em Saúde.



Gabriela de Oliveira Souza

Meu nome é Gabriela, sou bibliotecária e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Unesp de Marília. Eu morava na cidade de Barueri e vim para Marília junto com meus pais. Eles sempre quiseram se mudar para o interior, mas não o fizeram por cuidados com os meus estudos, já que a educação pública de Barueri é muito boa; algo difícil de se encontrar, e a educação particular não seria uma opção.

Logo que decidi que faria uma faculdade, eles me deram todo o apoio e me disseram que estaríamos juntos; sou muito grata a eles por tudo, não teria chegado onde cheguei sem eles.

Pensei em vários cursos, mas não tinha certeza de nada até que minha mãe comentou que tinha ouvido falar sobre um curso que parecia interessante, Biblioteconomia; por isso serei eternamente grata a ela.

Ao procurar mais sobre o curso me apaixonei logo de início. Na realidade, era a primeira vez que tinha absoluta certeza do que queria fazer; era a única profissão em que conseguia me imaginar trabalhando pelo resto da vida. No entanto, mesmo com essa certeza, não parei de procurar informações sobre o curso, o que me fez gostar mais da área e escolher a Universidade Estadual Paulista (Unesp) como primeira opção. Prestei o vestibulinho para o cursinho pré-vestibular gratuito da minha cidade e passei entre os primeiros lugares. Passei, também, entre os primeiros lugares na Unesp, minha opção desde o início.

Comecei no Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (Ladri) no primeiro ano de curso, quando após uma atividade, que consistia na escrita de um texto para a disciplina de História da Cultura, fui convidada pela professora Maria José V. Jorente a conhecê-lo. Desde então, não saí mais do grupo, e o que aprendi, e ainda aprendo todos os dias será de extrema importância para minha formação acadêmica e profissional. Sei que não conheceria tudo isso se não participasse do laboratório; sou muito grata à Professora Maria José V. Jorente e aos demais integrantes do grupo. A Biblioteconomia me encantou muito, assim como a Ciência da Informação de forma geral.

Minha atuação no grupo de pesquisa tem sido voltada, principalmente, ao projeto de descrição do Acervo Museológico da FFC. Comecei aprendendo a descrever peças museológicas

com Lucinéia da Silva Batista. Depois percebi a necessidade de uma maior padronização na descrição das peças e criei alguns modelos para a descrição das características dos objetos, partindo de grupos específicos e de características em comum. Também atuei na revisão minuciosa das descrições, aplicando em todas as peças os modelos criados. Participei da construção de um vocabulário controlado baseado em tesouros específicos para museus já existentes, com o objetivo de padronizar os pontos de acesso presentes nas descrições no AtoM.

Durante a graduação, fui bolsista Fapesp com um projeto intitulado “O Design da Informação na Curadoria Digital: Catalogação colaborativa de acervo por meio de linguagem natural e Folksonomia” e com o qual busquei demonstrar por meio da experiência da British Library (BL) na plataforma Flickr que a Folksonomia é uma importante ferramenta de Design da Informação (DI) para a Curadoria Digital (CD). A estratégia da BL pode aproximar os sujeitos informacionais ao profissional da informação e tornar mais próximos da linguagem natural os processos biblioteconômicos de recuperação da informação, ou seja, a indexação, a construção de vocabulários controlados, de tesouros e de taxonomias, para garantir o acesso a informação e sua melhor recuperação nos ambientes digitais da web. Hoje, sou bolsista Fapesp de mestrado, com o projeto “A Folksonomia como elemento de preservação na Curadoria Digital: um estudo de caso do Museu da Pessoa”, uma continuação do meu projeto da graduação. Neste estudo busco demonstrar que a Folksonomia funciona como elemento de preservação na CD e não apenas de acesso, além de propor o uso da Folksonomia no Museu da Pessoa, que é um museu de histórias de vida, virtual e colaborativo.



Stephanie Cerqueira Silva

Sou a Stephanie, tenho 27 anos, e sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus Marília. Sou Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, pela Universidade Paulista (Unip), e graduanda em Biblioteconomia na Unesp/Marília.

Cresci em uma cidade chamada São Manuel, no interior de São Paulo; uma cidade pequena, mas com seus encantos. Nela, percorri todo meu período escolar sempre em escolas públicas municipais e estaduais. Quando estava no Ensino Médio (ETEC/São Manuel), no qual estudava no período da manhã, também fazia um Técnico em Marketing (ETEC/Botucatu), no período noturno. Tal curso despertou meu interesse pela área de comunicação e, assim, cursei Publicidade e Propaganda. Desde então, trabalho na área do design gráfico e comunicação.

Todo esse percurso foi essencial para meu aprendizado e crescimento pessoal e profissional. Porém, sentia que precisava vincular meus conhecimentos com outra área. Comecei pesquisar sobre a Biblioteconomia e me interessou; fiz o vestibular em 2016 e em 2017 iniciei o curso. Minha vida deu uma reviravolta, me mudei para Marília com meu amigo querido e especial, o Túlio, que, além de ser da minha cidade, cursou Biblioteconomia comigo.

Logo no primeiro semestre conheci a Professora Maria José Vicentini Jorente que me apresentou o Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (Ladri) e o projeto do Acervo Museológico da Unesp, no qual me interessei e comecei a fazer parte. No início, participei de oficinas de descrições e do AtoM, com o propósito de aprender e compreender o processo que estava em desenvolvimento naquele momento. Assim, descrevi os objetos religiosos do acervo, e auxiliei na organização da reserva técnica, juntamente com meus colegas.

Posteriormente, houve a necessidade do registro fotográfico dos objetos para uma melhor organização, apresentação, representação e preservação da informação. Essa etapa foi longa, pois o acervo é composto por, aproximadamente, 500 itens inventariados; com necessidade de captura imagética de cada item, seguido da edição digital - alinhar os tamanhos e exportar os arquivos no formato suportado no Archivematica. Por outro lado, foi uma etapa muito

interessante e gratificante, pela aproximação e contato com cada objeto do acervo.

Feita essa etapa, executei o upload dos registros fotográficos para o Archivematica, software de preservação digital interoperável com o AtoM, para que a convergência informacional fosse realizada.

Além dessas tarefas, auxiliei no processo de criação de vocabulário controlado para os pontos de acesso de assunto, para melhorias da recuperação da informação. Sempre estive presente na organização dos inventários e na padronização dos elementos a serem descritos. Todos os processos que se encaixam em organização, administração e padronização me interessam muito, pois são essenciais para o processo da infocomunicação.

O aprendizado coletivo que o Ladri me ofereceu, e me oferece, tem sido fundamental para a minha construção: tem contribuído para o meu relacionamento interpessoal, de trabalho e aprendizado em equipe. Todo o suporte oferecido pelo grupo tornou mais claro o meu trabalho e abriu portas para a minha pesquisa. Pelo Ladri, apresentei meus primeiros trabalhos em eventos acadêmicos e fui bolsista PROEX.

Sou muito grata por participar do grupo e fazer parte desse projeto. Aprender e compartilhar nossos conhecimentos coletivamente são importantes para que mais projetos como o nosso possam ser desenvolvidos. Ver os resultados do projeto é muito satisfatório.



Isabelle Ribeiro Ornelas C. Lima

Meu nome é Isabelle, tenho 25 anos, sou graduanda do curso de Biblioteconomia na Universidade Estadual Paulista (Unesp) Marília. Sou da agitada capital de São Paulo e sempre quis viajar e morar sozinha. Então, quando surgiu a oportunidade de vir estudar em Marília, não pensei duas vezes e aqui estou. Vim de uma família grande que me fez desde pequena aprender a dividir, a trabalhar em grupo, a resolver conflitos em conjunto e isso, mais tarde, me ajudou a me encaixar no grupo do Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (Ladri).

Minha família sempre teve uma veia artística: minha avó materna é costureira e minha avó paterna é pintora. Além disso, minha mãe é ótima com artesanato e afins. Minhas irmãs assim, como eu, herdamos essa paixão pelo meio artístico também. Uma fez curso técnico em Design de Interiores e a outra cursa uma faculdade de Audiovisual.

Por causa do incentivo e o contato com esse meio, durante o Ensino Médio, resolvi ir para a área do design. Fiz um curso de Formação Básica em Fotografia no Senac Tatuapé e depois um curso técnico em Comunicação Visual na Escola Técnica Estadual (ETEC) da Tiquatira. Através do curso técnico consegui um estágio em uma empresa de design e trabalhei lá por um tempo. Além de trabalhar como uma fotógrafa freelancer. Durante os estudos em um curso pré-vestibular para ingressar em uma faculdade na área do design, uma amiga me apresentou o curso de Biblioteconomia. Achei interessante e pesquisei mais sobre o curso e resolvi que seria minha segunda opção no vestibular da Unesp e noutros vestibulares, caso eu não passasse em Design Gráfico. Não preciso falar que vim para a Biblioteconomia, mas passo dizer que foi melhor do que o planejado.

No início da graduação, conheci a Professora Maria José Vicentini Jorente e ela me apresentou o Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (Ladri) e logo me interessei pelo projeto do Museu que consistia na organização e registro digital do acervo museológico da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Aprendi a descrever peças museológicas e como utilizar o *Acess to Memory (AtoM)*. Diferente dos meus colegas, a parte que mais me chamou atenção foi como seria feito o processo do registro fotográfico das peças para uma melhor representação e recuperação. Então,

pesquisei materiais e métodos para ajudar a fotografar as peças do museu; depois de muito pesquisa realizamos a compra dos materiais necessários e o Ladri conseguiu montar um mini estúdio fotográfico.

O processo foi longo e lento, pois o museu possui uma coleção de mais de 500 peças. Fizemos registros imagéticos de todas as peças de quatro formas para possibilitar a visualização de vários ângulos: frente, lado direito, verso e lado esquerdo. Após essa primeira etapa, passamos os registros imagéticos já pós-editados para o Archivematica, um software que trabalha junto com o AtoM para a recuperação da informação.

Desde o início realizei as atividades do laboratório e museu como voluntária. Sempre achei o trabalho que realizamos nele importante, contribuindo assim para minha formação. Embora eu esteja na área da Ciência da Informação, sempre tento utilizar meus conhecimentos de Design Gráfico no Ladri e na faculdade. Acredito que a realização deste livro é a prova que as duas áreas se completam e fico muito feliz de estar participando deste projeto.

Agradeço a Professora Maria José por sempre nos incentivar e acreditar em nosso potencial como pesquisadores e também pela a oportunidade de participar do grupo, assim como, aos integrantes do Ladri que têm apoiado minhas decisões e sempre têm estado do meu lado.



Simão Marcos Apocalypse

Meu nome é Simão Marcos Apocalypse, tenho 24 anos. Sou bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Marília) e, atualmente, curso Mestrado em Ciência da Informação, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp/Marília. Minha cidade de origem, a pequena Socorro, localizada no interior de São Paulo, tem pouco mais de 30 mil habitantes. Lá vivi a minha infância e adolescência junto a minha irmã gêmea, Sara. Fomos criados em um bairro da zona rural, desde muito jovens trabalhando com nossos pais, agricultores.

Estudei o Ensino Primário, Fundamental e Médio em uma escola Estadual próxima ao sítio em que residia. Ao ingressar no primeiro ano do Ensino Médio, passei a trabalhar em período integral e a estudar de noite. Ao me entender como homossexual, vindo de uma família tradicional e conservadora, vivenciei um processo de amadurecimento que influenciou de modo pontual as escolhas mais importantes durante minha trajetória de vida. Dentre elas, ainda que muito jovem, a saída da casa dos meus pais rumo à independência, sempre acompanhado pela minha irmã e companheira, Sara.

No último ano do Ensino Médio, assim como boa parte dos alunos de escolas públicas, não sabia da possibilidade de estudar em uma universidade pública e, muito menos, qual curso seguir. Estava um pouco perdido até conhecer uma professora de filosofia que me indicou a leitura do livro *A história da sexualidade* de Michel Foucault. Percebi, ali, um caminho para o autoconhecimento e optei por cursar Filosofia na Unesp. Assim, me mudei para Marília em 2015, aberto a conhecer outros cursos e explorar outras possibilidades.

Após dois anos na Filosofia, com interesses de pesquisa voltados à informação LGBTQ+, tive contato com colegas que cursavam Biblioteconomia e com pesquisadores da Ciência da Informação; descobri um campo fértil. Conheci a grade do curso de Biblioteconomia e gostei muito; conversei com amigos que estavam em diferentes etapas e vi que esse curso seria a melhor opção.

Em 2017, iniciei a graduação em Biblioteconomia e, no primeiro ano, conheci a professora Maria José Vicentini Jorente que me apresentou o Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (Ladri), seus membros e as atividades de pesquisa e extensão; me apaixonei pela pesquisa. No primeiro ano do Ladri,

desenvolvi um projeto e me tornei pesquisador bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), trabalhando as intersecções entre a Ciência da Informação, Design da Informação, Curadoria Digital e Informação LGBTQ+, principais temas de interesse em meus estudos.

Em paralelo, tive contato direto com o projeto de extensão piloto desenvolvido pelo grupo: a coleção de itens museológicos da FFC/Marília. Me envolvi, também, com as atividades de curadoria digital exercidas pelo grupo no processo de digitalização do acervo e, em específico, com as atividades de descrição dos

itens no sistema AtoM. Essa experiência mostrou-se muito importante no meu processo de amadurecimento enquanto pesquisador. A cada dificuldade, novos estudos foram desenvolvidos e contribuíram para minha formação e para o desenvolvimento de competências essenciais aos profissionais da informação, na contemporaneidade.

O contato com os demais integrantes do grupo e o caráter social dos projetos desenvolvidos tem sido muito significativos tanto para a minha construção pessoal quanto para a compreensão da importância das instituições públicas de ensino superior no Brasil. Os resultados obtidos são gratificantes e evidenciam a importância dos projetos de extensão que, embora com a escassez de recursos, ainda possibilitam uma formação de qualidade e oferecem significativas contribuições à sociedade.



Alexia Cristiane R. Dantas Matias

Meu nome é Alexia, sou aluna do terceiro ano do curso de Biblioteconomia na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em Marília. Nasci em uma pequena cidade chamada Itapeva, no sudoeste paulista, onde há outro campus da Unesp, com os cursos de Engenharia Industrial Madeireira e Engenharia de Produção.

Concluí o Ensino Médio integrado ao curso Técnico em Informática no Centro Paula Souza em Itapeva, onde aprendi conceitos importantes sobre tecnologias que hoje me auxiliam na faculdade. Meu projeto de pesquisa para o fim do curso de Informática, minha teve como tema a implantação do software de gestão de bibliotecas (BIBLIVRE) em uma escola de Ensino Fundamental, próxima a minha cidade.

A Unesp teve grande participação em meu desenvolvimento acadêmico, pois no terceiro ano do Ensino Médio iniciei um curso pré-vestibular gratuito por ela oferecido e para o qual era necessário a realização de uma prova. O cursinho, denominado Cuca Fresca. O período de duração do cursinho era de um ano, das sete da noite até às dez da noite. Com certeza a Escola Técnica (ETEC) e a Unesp são parte importante da minha história e do meu desenvolvimento acadêmico.

Prestei o vestibular para o curso de licenciatura em história, no campus da Unesp em Assis. Entretanto, não fui chamada; escolhi o curso de Biblioteconomia como segunda opção. Ao ser convocada mudei-me para Marília aos 17 anos com minha mãe e meu irmão.

No segundo ano de curso, fui apresentada ao Laboratório de Pesquisa em Design e Recuperação da Informação (Ladri) por uma amiga, Gabriela de Oliveira Souza e passei a frequentar, no início como voluntária e auxiliar os trabalhos nas descrições e inserção de peças no software AtoM de descrição arquivística.

No Ladri a descrição das peças é feita seguindo um modelo aprimorado por Gabriela, de acordo com vocabulários controlados de descrições de outros acervos. No processo, são observados detalhes das peças, tais como, dimensões, cores e marcas, e outras informações que possam ser adicionadas, como um breve histórico da peça. Essas informações auxiliam ao internauta e o sistema na identificação da peça.

Sou bolsista da Professora Maria José V. Jorente em seu projeto universal CNPq: “Kaingang e Krenak de Arco Íris”, que tem como objetivo a criação de um ambiente digital para preservação e acesso informações históricas dos povos Kaingang da região. Paralelo ao projeto, pesquisa também sobre a utilização de imagens dinâmicas como recursos audiovisuais em unidades de informação, para que assim o acesso ao conteúdo possa ser feito de forma remota e possa se levar informação ao maior número de internautas possível. Nesses dois anos em Marília, além de estar cursando Biblioteconomia, realizei o curso de “Design de Jogos utilizando Jogos Analógicos”, com o intuito de aprender e de aplicar esses conhecimentos à Biblioteconomia, com o mesmo intuito o curso de “Gerenciamento de sites web”.

Em 2018, no segundo ano de Biblioteconomia, prestei uma prova para um estágio na Biblioteca Municipal e passei. Lá pude observar o trabalho do profissional na prática, o que me ajudou a ter uma nova perspectiva do curso: a importância do empenho do profissional em disseminar informação; o poder de utilizar os aprendizados não só da sala de aula mas também do Ladr para facilitar o acesso a informação. Isso é gratificante!

Se a Biblioteconomia não era minha primeira opção de curso e vim para Marília sem saber o que esperar dele, agora, percebo que todas as etapas até aqui foram importantes e me ajudaram a me encontrar como profissional a descobrir o que realmente queria: quero compartilhar e facilitar o acesso à informação; quero saber que tive alguma participação, mesmo que mínima, na construção da história de uma pessoa, assim como a Unesp e o Ladr tiveram na construção da minha.



Bruna Simões de Lima

Meu nome é Bruna, tenho 22 anos e sou estudante de Biblioteconomia na Unesp de Marília. Nasci e cresci na cidade de Campinas, interior de São Paulo.

Aos 13 anos de idade, iniciei o curso de Informática Profissionalizante. Não imaginava como ele me ajudaria futuramente. Com 14 anos, comecei a fazer teatro e aprendi como me expressar melhor. Eu adoro o drama, mas nada me encanta mais do que a comédia; então, comecei a fazer apresentações de Stand Up em minha escola do Ensino Médio e a promover saraus com apresentações teatrais.

Fiz uma pausa com o teatro e aos 15 anos comecei o curso de Auxiliar Administrativo. Cursei por um ano e depois iniciei meu primeiro trabalho e quando completei 16 anos, consegui uma vaga na multinacional Robert Bosch, como jovem aprendiz. Trabalhei no setor da diretoria e executava funções de estagiária. No instituto havia um programa de voluntários em que me inscrevi; assim, aos sábados trabalhava no Lar Campinense contando histórias e desenvolvendo atividades com as crianças. Tanto no trabalho administrativo, quanto no voluntariado, adquiri conhecimentos valiosos que levo sempre comigo.

Desde 2014 queria cursar Biblioteconomia e em 2016 me dediquei a estudar em um cursinho popular. Tive a oportunidade de conversar com profissionais da área da Biblioteconomia em uma feira de profissões e, novamente, tal encontro me inspirou muito na escolha do curso: dar acesso à informação e propiciar suportes e dinâmicas para a potencialização do conhecimento em prol da sociedade e da cultura.

No meu primeiro ano cursando Biblioteconomia tive aulas com a Professora Maria José V. Jorente, que ministrava a disciplina de História da Cultura. Em uma das suas aulas fui convidada junto a alguns amigos para conhecer melhor o Laboratório de Pesquisa em Design e recuperação da Informação (Ladri): foi uma grande realização ter encontrado, logo no início da graduação, uma área com a qual me identifiquei.

No projeto piloto que visava a organização e registro digital do acervo museológico da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), se iniciou o processo de descrição de cada item do acervo, uma atividade com os objetos musealizados, que carregam um valor cultural

enorme. Foi uma atividade muito gratificante, ainda mais com uma equipe que se apoia mutuamente e cresce junto. No segundo ano da faculdade me foi designada a primeira pesquisa científica PIBIC, orientada pela Professora Jorente, quando tive a oportunidade de conhecer o Design da Informação e a Curadoria Digital, dando seguimento ao trabalho de uma bolsista anterior envolvida no projeto da professora sobre ambientes informacionais digitais para apoio às famílias com crianças portadoras de condições de saúde relacionadas à microcefalia causada pelo contato das mães com o Zika vírus. A partir desse projeto pude desenvolver apresentações em eventos científicos e aprender mais sobre a necessidade de utilizar recursos informacionais como facilitadores no entendimento de uma mensagem.



○ Ladri se tornou minha família em Marília, me vi cercada de pessoas que se ajudam e visam o crescimento do grupo como um todo. Nossa orientadora nos direciona com ideias que promovem o nosso crescimento e que contribuem para que os registros da informação do acervo trabalhado sejam acessíveis.